

DOMINGO ENTREVISTA/AÍLTON KRENAK

O novo porta-voz da tribo

Por ALEXANDRE MANSUR E PATRICIA PALADINO

Primeiro foi Ju-
runa, que insistiu
com seu grava-
dor de branco até
virar personagem
de programa hu-
morístico; depois
Raoni, a antítese,
corpo pintado, a
boca imensa — o
batoque —, a
conquistar o
mundo por sua
autenticidade.
Aílton Krenak,
41, não é uma
síntese, pois para

os índios não há dialética. Mas a postura do
novo *embaixador* dos índios brasileiros faz a
linha nem tanto ao mar, nem tanto à terra:
transita bem pelo mundo dos brancos embora



Fotos de Mirian Fichtner

seja contra a par-
ticipação de seus
pares na política.
“Quando o Bra-
sil tiver um presi-
dente esperto, ele
vai nomear um
ministro índio
para sermos ridi-
cularizados por
500 anos”, diz
Aílton (centro na
foto), criado na
tribo Krenak, em
Minas Gerais.
Semana passada,
a ONG que ele

preside, o Núcleo de Cultura Indígena, ino-
vou lançando o CD e o vídeo *Etenhiritipá*,
com cantos xavante. “Daqui a pouco o Paul
Simon virá samplear estas canções”, alfineta.

Qual é a intenção dos xavantes ao gravar um disco?

Os meus parentes Krenak da aldeia Pimentel Barbosa decidiram que era hora de mostrar um pouco da tradição xavante para o pessoal da cidade e isso tem gerado uma reação muito boa por parte das pessoas que não conhecem nossa cultura. A maior parte dos brancos tem uma idéia meio pejorativa dos índios e nem dá o status de cultura para nossas tradições. O vocabulário urbano está cheio de expressões como *programa de índio*, *coisa de índio*. Chamam de *índio* o pessoal que mora nos morros. Quem fala isso está sendo desrespeitoso tanto com os favelados como com os povos da floresta. Essas expressões não são usadas no sentido de carinho ou reconhecimento, mas como negação da identidade e da beleza do outro. Por isso, esse trabalho de comunicação que os meus parentes xavantes resolveram fazer tem uma delicadeza muito grande. Sua intenção é clara: fazer um tratamento homeopático para mudar esse pensamento grosseiro dos homens da cidade.

De quem partiu a idéia do disco?

A iniciativa veio do pessoal mais velho da aldeia. Eles deram ao pequeno grupo que participou da gravação a responsabilidade de fazer esse papel de *embaixador*. Dentro das tribos, os anciãos têm muita tranquilidade

e uma natural autoridade para dizer aos mais novos: “Vai lá e mostre a eles (brancos)”. Da mesma forma, são os mais velhos que decidem a hora destas coisas acontecerem. O antigo chefe Apoen, que é avô dessa geração de hoje, já tinha, há 46 anos, uma atitude em relação ao mundo de fora, que para ele era um universo insondável. Ele não conhecia todo o aparato civilizatório que veio com as primeiras expedições que entraram na Serra do Roncador. Mas, sua sensibilidade e percepção lhe permitiam avaliar como esse contato seria difícil para eles. Por ser uma pessoa sábia e firmada dentro da tradição de seu povo, desde aquela época ele já tinha pensado em uma maneira permanente de ir criando situações positivas de convivência.

Mas houve muito conflito, não foi?

Nos primeiros 20 anos, a relação entre esta gente e os brancos não pôde ser muito pacífica. Eles tiveram que fazer guerra mesmo, para frear temporariamente a chegada dos brancos na região Centro-Oeste e estabelecer um limite territorial. Esse limite só foi definido em 1979, com a criação da reserva Pimentel Barbosa.

Qual é o trabalho do Centro de Pesquisa do Núcleo de Cultura?

Nestes cinco anos, estamos pesquisando o manejo de floresta e diversidade de fauna. Em resumo, combina-

mos o nosso conhecimento tradicional com o dos cientistas ocidentais. Atualmente, os pesquisadores estão desenvolvendo modelos do que eles chamam de corredores de fauna. São áreas de vegetação por onde os animais que estão separados em ilhas de florestas podem se comunicar. Do contrário, a fauna regridiria. Os cientistas que trabalham com nosso povo estão descobrindo que isso é uma prática milenar nossa. Durante muitos séculos, os caçadores tradicionais foram criando e manejando com delicadeza os ninchos, lugares onde a fauna vai preferencialmente habitar, respeitando os complexos sistemas de interação natural. Isso não ocorre só com a fauna. Quem hoje come frutas como araticum, baru ou pequi não sabe que elas foram domesticadas pelo nosso povo. No ambiente natural, essas frutas tinham toxinas e não podiam ser consumidas. Nossos antepassados foram tirando estas espécies do ambiente agressivo e as cultivando onde suas defesas não precisavam agir. Fizeram isso por várias gerações, até que as frutas parassem de gerar reações tóxicas.

O senhor acha que este disco, bem como todo o trabalho do Núcleo de Cultura Indígena, é uma maneira de mostrar aos brancos que as tradições indígenas continuam vivas?

Eu não gosto de dar um valor excessivo aos objetos, como um disco, um filme ou um livro. Mas nosso trabalho reafirma que estamos mantendo a tradição. Não como uma coisa que se manipula, mas como uma força geradora e criadora. Às vezes, as pessoas nos perguntam se não estamos acabando com nossa tradição quando fazemos vídeos ou discos. Mas todos os nossos povos sabem que a tradição não é uma fonte que se esgota, ela é permanente como um rio. Se você fica sentado diante de um rio, observa que a água passa. Mas o rio é o mesmo. É como a própria história do mundo. Não houve nenhuma criação do mundo e agora nos resta consumir o que foi gerado. A criação acontece todo dia. Nossa tradição não é um estoque de informações que você tem, usa e acaba. Já pensou? Você faz um disco, um filme, 30 fotos e pronto, acabou a tradição? Ela é uma herança espiritual, não foi construída nem inventada pelas pessoas. E se um povo utiliza meios como escrever ou filmar para mostrar suas expressões de criação para o mundo, ele faz isso dentro de determinadas normas. Ele nunca vai expor valores fundamentais da sua espiritualidade para gente que não pode entender. Desta maneira, ele busca, dentro de sua tradição, aquilo que pode comunicar, se preservando e alimentando a beleza da convivência entre os povos.

O senhor é a favor de os povos indígenas buscarem representatividade política?

Se a gente ficar copiando o modelo de representação dos brancos, nunca vai conseguir se equiparar a eles. Todas as vezes que minorias étnicas ou culturais buscaram uma réplica do modelo dominante, acabaram entrando em situações ridículas e caricaturais. As



'Copiando os brancos, nunca vamos conseguir nos equiparar a eles. Minorias que imitam um modelo se ridicularizam'

mulheres estão enganadas quando pensam que, elegendo um monte de deputadas e senadoras, vão ser menos ofendidas. Porque estas deputadas e senadoras acabam se comportando como deputados e senadores, no seu machismo e ignorância. Parece que é uma grande zona da burrice. Quem chega, entra esperto. Dali a pouco, está totalmente tapado.

Mas o senhor presidiu a extinta ONG União das Nações Indígenas...

Teve um momento em que os parentes acharam que eu deveria ter um pouco essa função de representante. Mas a pior coisa que um amigo pode fazer é atribuir ao outro essa coisa de mandato. A começar pelo nome. Se é para representar, eu prefiro o teatro de verdade a ter que encenar esse roteiro que se repete todo ano, com os mesmos personagens, a mesma história que a gente já conhece. Ela começa com promessas, tem um intervalo na desconfiância, e se encerra no escândalo e na baixaria. Quando a gente tiver um presidente bem esperto, ele vai nomear

um ministro índio. Aí nós vamos ser ridicularizados por uns 500 anos. Então, o nosso caminho é ficar fora disso.

O ex-ministro Hélio Jaguaribe disse recentemente que é necessário acabar com o índio e promover sua integração à sociedade até o fim da década. Como o senhor recebeu as opiniões do ex-ministro?

Para mim é natural que uma pessoa que pertence à tradição de cientista sociólogo, como o professor Jaguaribe, fique fazendo laboratório com a cultura alheia. Tem um belo ditado popular que diz: "Em casa de ferreiro, espeto de pau". O que menos tem na casa de um sociólogo talvez seja cultura e tradição. Então ele tem que praticar com a vida dos outros. Mas ele precisava fazer isso para ir aprendendo e melhorando sua própria visão de mundo. Talvez para evoluir também e alcançar um caminho de aceitação do outro.

Por que o senhor não se manifestou na ocasião?

Não tive nenhuma vontade de entrar em uma briga de idéias com ele ou com os que pensam como ele. Ele está expressando, de alguma maneira, uma inquietação e até a ignorância de parte representativa das autoridades brasileiras. Se um grupo convida o professor Jaguaribe para fazer uma conferência sobre como lidar com a realidade brasileira é porque estas autoridades também se sentem despreparadas para lidar com a complexidade do país. Então eles ficam pedindo receitas, seja para criar uma nova moeda ou para mudar o sistema de governo. Na verdade, eles ficam tentando levantar os esteios dessa maloca chamada Brasil.

Qual é a idéia que o senhor faz 'dessa maloca chamada Brasil'?

Olha, às vezes fico sentindo que seria mais tranquilo se, em vez de pensar que o país é uma coisa feita, as pessoas admitissem que essa ficção, essa entidade Brasil, é só uma aspiração de gente com culturas diferentes. E aí, se estes diversos pensamentos forem

se harmonizando, pode resultar em alguma coisa que seria o Brasil. Mas, se isso for feito de uma forma autoritária, querendo enquadrar índios, negros, brancos e azuis, misturando tudo numa lata só e fazendo uma enorme canja, o que vamos ter é aquilo que ninguém quer: um país de uma nota só. O Brasil é maravilhoso porque não foi feito ainda. E espero que nunca seja, pelo menos no sentido da monocultura. Monocultura da soja, do arroz, do samba, das idéias. Deixa isso para os países do Velho Continente, que já estão exaustos e vêm buscar diversidade cultural nos povos do Terceiro Mundo.

De que forma isto acontece?

Eles procuram inspiração em tudo. Desde tecnologias agrícolas alternativas, baseadas no modo de produção ancestral, até modismos. Artistas como Paul Simon e David Byrne inventaram a tal da *world music*, que é uma adaptação de músicas de tradições africanas, tibetanas ou mesmo de nossas tribos. Daqui a pouco, eles vão escutar o *Entinhriritipá* e virão samplear as cantigas tradicionais dos xavantes. Neste sentido, muito mais do que povos desaparecidos ou ameaçados, nossas tribos são o acervo de riquezas culturais da humanidade. E a gente não tem orgulho de dizer 'isso é meu'. Não é nada para se guardar egoisticamente. Quando a pessoa não valoriza sua herança cultural, desvaloriza a si mesma.

Dentro do seu trabalho no Núcleo de Cultura Indígena, o senhor tem observado uma mudança de postura em relação à diversidade cultural do país?

Se você prestar atenção, no começo do século isso era mais verdadeiro e expressivo. Um exemplo foi o movimento antropofágico. Gente como Mário, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, alguns meio equivocados, outros mais iluminados. Esse pessoal estava garimpando fundo nas raízes do Brasil. E eles revelaram uma das versões mais radicais do país, o pensamento bruto desta parte do mundo, o continente americano. Isso entrou com força na literatura, teatro, artes plásticas, influenciando o comportamento e as opções políticas. Se a gente comparar aquela época com os dias de hoje, vai admitir que o pessoal ainda tem que queimar muita lenha para chegar àquela temperatura. As pessoas ainda nem perceberam o que é cidadania.

E o que é cidadania, então?

Talvez, no sentido da memória de um povo, cidadania seja o salário mínimo. Se não tivermos isso, então esse país é apenas um enorme acampamento, caótico e mergulhado na escuridão. De vez em quando, um raio corta o céu. Neste momento, o pessoal olha um para o outro e diz: 'Olha, tem os xavante, tem o pessoal do morro, tem o Norte, tem o Sul'. Mas depois que o raio passa, esse grande cérebro da memória coletiva, que é preguiçoso, adormece até a próxima luz. E o que interage nesse período? Não é o sol. É a marginalidade, a corrupção, a política mesquinha, a apropriação da nação para aumentar seu poder pessoal.



'O Brasil é maravilhoso porque não foi feito ainda. E espero que nunca seja. Deixa isso para os países do Velho Mundo'

O senhor quer dizer que as pessoas só se reconhecem na tragédia?

Isso. É o relâmpago. Elas não se vêm na harmonia. Precisam da catástrofe. Dentro de uma tradição indígena, quem faz o raio no céu é um ente criador que anda num veículo mágico. Esse herói fundador tem o queixo furado com um cristal apontado para baixo, por onde ele solta os raios e restabelece o equilíbrio na atmosfera. Eu não sei se a gente pede para ele deixar o raio ligado um tempão para ver se o pessoal leva um choque bem grande e lembra de vez que somos povos parentes e não é preciso ficar estranhando um ao outro.

Mas o senhor não acha que alguns estilos de vida são inconciliáveis?

Talvez. Toda vez que o nosso pessoal vem ao Rio, acha maravilhosa essa geografia. As montanhas e o mar são um presente que recebemos. Mas, num lugar tão lindo como este, em vez de as pessoas aproveitarem, passam a maior parte do tempo disputando outra coisa. É como se o criador tivesse feito

esse lugar lindo e as pessoas o usassem como cenário para outra briga. Eles estão vivendo um outro filme, que não é a vida.

O senhor mantém contato com outros povos tradicionais. Eles têm uma postura política semelhante?

Todos os nossos parentes, de diferentes lugares, estão reconhecendo que a cultura globalizante é uma onda perigosa que está ameaçando a diversidade cultural, biológica e espiritual dos povos. A cultura ocidental se disseminou por todo o planeta. Mas nós teremos força para ficar em pé enquanto o ar que a gente respira for a nossa tradição. Todas as tradições ancestrais possuem cantos e cerimônias para levantar o céu. Isto acontece porque, quando o peso fica muito grande sobre a vida na terra, o céu abaixa. E a gente tem que cantar e dançar para suspendê-lo bem alto e ter força em torno de nossa existência. Os cantos do *Entinhriritipá* também têm esse poder.

Em seu discurso, o senhor praticamente divide o mundo entre brancos e índios. Mas o seu próprio trabalho no Núcleo de Cultura é de aproximação e síntese das culturas. Pensando ao contrário de Hélio Jaguaribe, o senhor acredita que branco pode ser índio?

A pergunta é simples. Somos irmãos ou não? Já fomos? Posso responder que sim. Mas faz muito tempo que a gente não é mais. Na criação do mundo, éramos irmãos. Mas nos separamos. Neste momento, o herói criador abriu um balaio e ofereceu um dote a cada um dos seus dois filhos. Então, nosso ancestral apanhou um arco e um maracá. E o criador falou: "Você vai andar pastoreando, caçando animais, colhendo frutas silvestres e tocando este instrumento." Já o outro filho escolheu o ouro. O criador, então, ficou triste e disse: "Você vai perseguir seu irmão e arrancar tudo que ele tem até o último dia em que o sol se pôr". Quando penso nisso, me arrepio. É como se o criador tivesse olhado nossa natureza e percebido como somos diferentes. ■